



Nova York. Tyler Roth (Robert Pattinson) é um jovem rebelde que não tem uma boa relação com o pai, Charles (Pierce Brosnan), desde que uma tragédia abalou sua família. Ele divide um apartamento com Aidan (Tate Wellington) e com ele sai para uma boate. Ao deixar o local, Tyler se intromete em uma briga. Neil Craig (Chris Cooper), um policial traumatizado pelo assassinato de sua esposa dez anos antes, é chamado ao local. Ele libera Tyler e Aidan mas, após uma provocação de Tyler, lhe dá uma surra e manda prendê-lo. Dias depois, Aidan descobre que Ally (Emilie de Ravin), a filha de Neil, estuda com eles. Ele propõe a Tyler que tente conquistá-la, para se vingar. Inicialmente relutante, Tyler aceita a proposta. Só que, aos poucos, se apaixona por Ally.

Uma moça (Ally) que, quando criança, presenciou o assassinato da mãe, e de um jovem (Tyler) que, recentemente, perdera seu irmão mais velho, que cometera suicídio. Vão se encontrar, se amar, mas o destino se revelará trágico com a morte precoce do rapaz.

Mas, é evidente que a dor não se localiza somente nestes personagens principais, se espalha pelos seus familiares, o que, para o filme, só enriquece o drama. Por exemplo, no caso dos pais do casal. O pai da moça, um policial que usa a brutalidade para evitar lidar com situações mais sensíveis, e o pai do rapaz, um empresário de sucesso que parece fazer da arrogância uma boa forma de, também, não lidar com a perda.



Tenho citado algumas questões que realmente falam em tragédias, mas, de fato, o que este filme tem a ver com a "tragédia"? Vejamos. Tyler é um jovem de família de classe média alta, sua mãe, após a separação com o pai, casou-se novamente, e tem uma irmãzinha de 11 anos e o pai que, como disse, é um empresário de sucesso. Mas, sua vida é isolada. Mora numa república junto a um amigo e não vê motivos algum para levar uma vida de plena satisfação e felicidade.

Tyler está sempre absorvido pelos pensamentos e pelas anotações que faz em uma espécie de diário. São suas conversas com o irmão. Tyler não perdoo o pai, que teria sido uma espécie de castrador de sonhos, pelo suicídio do irmão. Neste aspecto, fica clara a incapacidade de Tyler lidar com os aspectos mais simples do princípio de realidade, sendo a sua irmãzinha a única fonte de limites para ele, pois a respeita e ama.

Seu princípio na vida é: "TUDO O QUE SE FAZ NA VIDA PARECE INSIGNIFICANTE", trecho de uma frase de Gandhi. Essa crença parece tomar conta de sua vida e dar à ela um significado último, qual seja, o de que a vida não oferece oportunidades de sermos felizes.

Mas, a interessante questão que o filme propõe é a de que, na vida, não são mesmos os grandes feitos que contam, e sim pequenos detalhes de nosso dia a dia, pequenas ações que imaginamos não ter nenhum significado e muito menor poder de mudança. O que quer Tyler? Que a irmãzinha seja feliz e aceita por todos na escola, e que o pai, de alguma forma, dê atenção a sua irmãzinha, deixando para trás o comportamento que tivera com o outro filho, já morto. O aspecto que simboliza esta questão seria o apoio do pai às atividades artísticas de sua irmãzinha, visto que sempre culpava o pai por não ter apoiado o outro irmão.

E, de fato, as pequenas ações de Tyler vão movimentando todo este cenário. Sua insistência junto ao pai parece improdutiva e só marcada por brigas. Mas, se tomarmos o exemplo de uma de suas ações veremos como tudo vai se flexibilizar. Tyler, num momento de raiva, vai à escola da irmã em sua defesa e deixa claro que ela tem alguém que luta por ela. Vai parar na delegacia e o pai, mais uma vez, o tira de lá. Num rápido desenrolar de fatos, encontramos o pai indo buscar a filha em casa para levá-la à escola enquanto Tyler dirige-se ao seu escritório para aguardá-lo para uma conversa.

Ao chegar no escritório Tyler descobre que no computador do pai estão inúmeras imagens da família, dos filhos, revelando-lhe uma imagem até então bem escondida pelo pai. Isso o surpreende. Como que vivendo momento de intensa esperança Tyler parece deixar que a alegria invada novamente seu coração e seus pensamentos parecem lhe causar certo alívio.

Mas, diante das fachadas envidraçadas da sala, logo percebemos que está no WTC, e é o dia 11 de setembro de 2011. Logo sucedem-se cenas de todos os familiares voltando-se para o prédio. Por um instante voltamos a sentir aquela angústia que significou acompanhar aquele episódio ao vivo pela TV. Multiplique-se essa sensação por mil e deve ter sido isso que aqueles moradores sentiram naquele dia.

Bem, o fato é que a morte de Tyler não quebrou o ritmo das pequenas mudanças que suas pequenas ações provocavam. De alguma forma, os membros da família voltavam a sentir, ainda que movidos pela dor, a vitalidade de estar juntos. Tyler encontrara sua paz, não simplesmente com a morte, mas ainda um pouco antes, quando percebera a enorme possibilidade de perdoar o pai. Sabemos que o perdão tem, quase sempre menos a ver com quem perdoamos e mais conosco mesmo. De alguma forma, então, Tyler podia sentir-se feliz.

Por que, então, não continuar aquela frase de Gandhi e dizer que: "TUDO O QUE SE FAZ NA VIDA PARECE INSIGNIFICANTE... MAS, AINDA ASSIM, PRECISA SER FEITO POR QUE SERÁ IMPORTANTE".

É isso aí... pequenas ações no cotidiano movimentam a nossa vida. E, por vezes, fiquemos presos às fantasias de grandes ações que viriam, de alguma forma, nos salvar da infelicidade e da descrença.

Mas, e a tragédia, onde fica situada neste filme? Não exatamente nas mortes e nos dramas, mas, justamente, nas pequenas ações do cotidiano que significam a luta de um herói (sim... somos heróis em nossa luta cotidiana) em busca de sua felicidade. Mas, como toda tragédia grega, a luta de um herói, marcada por intensos momentos de luta, sofrimento e catarses, encontra o seu limite. E, esse limite, quase sempre é a morte.

Tyler representa bem o papel desse herói trágico. Lutou pela felicidade, promoveu ações, alcançou seu significado, mas sentiu o custo, o preço disto, que foi a morte. Para os gregos, essa luta era trágica justamente por revelar uma ousadia dos homens em quererem se parecer aos deuses.

Talvez seja isto mesmo. Talvez, em nossa luta diária queiramos algo que só seja próprio dos deuses. Mas, nós queremos. Acho que é a felicidade, e dela vamos em busca. Uma busca que, quase sempre se revela trágica. Mas, quem sabe não é este mesmo o significado da vida. O que sobra, então, para nós? As pequenas ações... aquelas que parecem tão insignificantes, mas que se revelam tão importantes para o cotidiano de nossa luta, de nossa vida.

Acho que esta é uma boa forma de ler este filme.

FICHA TÉCNICA

Filme - Lembranças - Remember Me

Elenco: Robert Pattinson, Emilie de Ravin, Chris Cooper

Direção - Allen Coulter

Roteiro - Will Fetters

Ano de Lançamento - 12 de março de 2010

Duração - 1h53min

Gênero - Drama/Romance



